

# HIPERATIVIDADE: O TRABALHO PEDAGÓGICO COM A CRIANÇA HIPERATIVA

Flávia Machado Rodrigues

## RESUMO

O presente estudo se constitui em uma pesquisa bibliográfica que tem como objetivo geral realizar uma breve análise sobre o trabalho desenvolvido pelo profissional da Pedagogia frente ao Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, mais comumente chamada de TDAH, ou simplesmente Hiperatividade. Como objetivos específicos, elenca-se: (a) conceituar e definir a hiperatividade; (b) reconhecer as causas, sintomas e possíveis formas de tratamento para esse distúrbio dentro de uma perspectiva pedagógica; (c) refletir sobre as possibilidades de ajuda psicopedagógicas nos casos de hiperatividade. Assim, o foco principal deste Estudo estará voltado para a reflexão da seguinte problemática: Como a Pedagogia concebe o trabalho com o TDAH, ou hiperatividade, no ambiente escolar? Portanto, este trabalho, que adotou como metodologia de elaboração a pesquisa bibliográfica, apresentará informações que podem auxiliar a atuação do professor que se depara com situações de TDAH em sala de aula, destacando a importância da escola na vida da criança hiperativa, estimulando a sua autoestima e ajudando a descobrir o equilíbrio no transcorrer do tratamento multidisciplinar, compreendendo que este distúrbio não tem cura em muitos casos, e que essas crianças precisam de uma maior atenção por parte do educador no ambiente escolar. Percebeu-se que o acompanhamento pedagógico do educando portador do TDAH é bastante importante, pois ajuda no trabalho do educador atuando diretamente na dificuldade de aprendizado demonstrada por este aluno.

**Palavras-chave:** Hiperatividade. Pedagogia. Transtornos.

## ABSTRACT

The present study is a bibliographical research whose general objective is to carry out a brief analysis of the work developed by the Pedagogy professional regarding Attention Deficit Hyperactivity Disorder, more commonly called ADHD, or simply Hyperactivity. As specific objectives, we focus on: (a) conceptualizing and defining hyperactivity; (b) recognize the causes, symptoms and possible forms of treatment for this disorder within a pedagogical perspective; (c) reflect on the possibilities of psychopedagogical help in cases of hyperactivity. Thus, the main focus of this Study will be to reflect on the following problem: How does Pedagogy conceive work with ADHD, or hyperactivity, in the school environment? Therefore, this work, which adopted as a methodology for the preparation of the bibliographic research, will present information that may help the teacher's behavior that is faced with situations of ADHD in the classroom, highlighting the importance of the school in the life of the hyperactive child, stimulating their self-esteem and helping to discover balance in the course of multidisciplinary treatment, realizing that this disorder has no cure in many cases, and that these children need more attention from the educator in the school environment. It was noticed that the pedagogical accompaniment of the student with

ADHD is very important, since it helps in the work of the educator acting directly in the difficulty of learning demonstrated by this student.

**Keywords:** Hyperactivity. Pedagogy. Disorders.

## 1. INTRODUÇÃO

Todo profissional da Educação, esteja ele em sala de aula ou não, sabe que existem inúmeras dificuldades que atrapalham o desenvolvimento “normal” do processo de ensino-aprendizagem. No presente estudo se dará um destaque maior para a análise da Hiperatividade, que hoje em dia é um dos transtornos mais comuns encontrados nas salas de aulas brasileiras.

Como será visto aqui, o nome oficial da Hiperatividade é Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, conhecida pela sigla TDAH; porém, a medicina denomina este distúrbio de “Desordem do Déficit de Atenção”. Essa doença pode atingir crianças, adolescentes e até mesmo pessoas adultas. O TDAH, como será chamado a partir de agora, caracteriza-se por sinais de desatenção, impulsividade e inquietude, levando a um gama de alterações no comportamento e no relacionamento na vida de crianças e adultos (pais, colegas, amigos, chefes, etc.), o que, muitas vezes, pode comprometer também a aprendizagem ocasionando sérias consequências caso não seja percebido e tratado precocemente nos primeiros anos de vida da criança.

A decisão de se analisar a temática da Hiperatividade neste estudo surgiu do interesse em ampliarem-se os conhecimentos sobre este distúrbio, tendo em vista que este é um conhecimento essencial para a prática profissional de qualquer pedagogo, pois, como se sabe, a Hiperatividade é associada ao fraco rendimento escolar, devido ao fato de que os discentes que sofrem com esse transtorno enfrentam várias dificuldades no desenvolvimento de seu aprendizado, dificuldades estas que se encontram ligadas diretamente à concentração e atenção.

A importância da produção deste estudo ainda consiste no fato de que cada vez mais as salas de aulas do ensino regular vêm recebendo alunos que apresentam características de TDAH. Portanto, compete ao pedagogo possibilitar aos educadores a preparação necessária para atender a estes alunos de forma adequada.

Frente ao exposto acerca do TDAH, elenca-se como objetivo geral realizar uma breve análise sobre o trabalho desenvolvido pelo profissional da Pedagogia frente ao

Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, mais comumente chamada de TDAH, ou simplesmente Hiperatividade. Como objetivos específicos, destaca-se: (a) conceituar e definir a hiperatividade; (b) reconhecer as causas, sintomas e possíveis formas de tratamento para esse distúrbio dentro de uma perspectiva pedagógica; (c) refletir sobre as possibilidades de ajuda pedagógica nos casos de hiperatividade.

O comportamento hiperativo tanto de crianças quanto de adolescentes tem aumentado nos últimos anos. Instituições escolares, famílias e os consultórios dos profissionais da saúde mental lidam frequentemente com esses problemas. As pesquisas indicam que para cada vinte alunos em uma sala de aula, ao menos cinco demonstram esse comportamento (MACIEL, 2018).

Na verdade, as instituições de ensino não estão prontas e ainda tem muito que aprender se caso estiverem interessadas em desenvolver um trabalho pedagógico voltado ao atendimento do discente que possui TDAH. E as famílias que dispõem de recursos e que podem buscar pelo ensino das escolas privadas, os pais e os educandos encontram problemas, imaginem essa situação na rede pública de ensino! Já por causa da política de progressão continuada, onde o aluno passa automaticamente de ano mesmo que a aprendizagem não tenha sido satisfatória, muitas crianças que só são diagnosticadas com TDAH depois que chegam ao quinto ano (quarta série) e nem ao menos sabem ler direito.

## **2. FUNDAMETAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1. DEFININDO E CARACTERIZANDO A HIPERATIVIDADE**

A Hiperatividade, que é denominada pela medicina por Desordem do Déficit de Atenção (DDA), pode atingir crianças, adolescentes ou até mesmo alguns adultos. Mesmo sendo conhecida por Hiperatividade, essa doença recebe o nome oficial de Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, ou simplesmente TDAH. Tratando-se de um transtorno neuropsicológico de base biológica, o TDAH atinge 10% da população mundial, surge na infância e regularmente segue o indivíduo ao longo de sua vida (TEIXEIRA, 2016).

O TDAH se caracteriza por sinais de impulsividade, desatenção e inquietude, que geram uma gama de alterações no comportamento que afetam os relacionamentos na vida das pessoas afetadas por esse transtorno, sejam estas crianças ou não. Na

infância, seu surgimento compromete seriamente o aprendizado, se não for detectado e tratado precocemente (geralmente entre os 6 e 12 anos de idade), ele originará graves consequências.

Os sintomas do TDAH oscilam entre brandos e graves e podem incluir problemas de habilidades motoras, linguagem e memória. Muito embora a criança hiperativa possua uma inteligência normal ou acima da média, o quadro em si é diagnosticado com maior frequência por problemas de aprendizado e comportamento. Professores e pais da criança diagnosticada com TDAH devem saber lidar com a impulsividade, a falta de atenção, instabilidade emocional e hiperatividade que é incontrolável na criança.

De um modo geral, pode-se reconhecer um aluno que possui TDAH quando este apresentar os seguintes sinais: Dificuldade de concentração na aula, distraído-se facilmente e ficando com a mente "distante" enquanto o professor fala; agitação, inquietação, demonstrando pouca paciência para estudar e/ou fazer as atividades solicitadas; habilidade surpreendente em executar dezenas de tarefas ao mesmo tempo, mas quase nenhuma relacionada ao conteúdo da aula. Este é um problema que afeta uma grande quantidade de crianças e adolescentes, que acarreta sérios prejuízos para seu desempenho acadêmico e, na maioria dos casos, esses jovens nem sequer sabem que são vítimas dessa doença.

Segundo Araújo (2018, p. 01), "a hiperatividade tende a confundir todos os envolvidos com o transtorno: pais, professores e médicos. É um termo utilizado para traduzir o comportamento inquieto, agitado e superexcitado". De acordo com o referido autor, o TDAH é o transtorno mais comum, ele ocorre de 3 a 5% das crianças, sendo que sua predominância maior ocorre mais entre os meninos do que em meninas, esses números referem-se a algumas pesquisas já realizadas em diferentes regiões do mundo (ARAÚJO, 2018).

De acordo com Vicari (2014, p. 21), "nem toda criança que é agitada deve ser rotulada de hiperativa". É importante observar essa afirmativa, pois essa agitação na criança pode ser resultado de distúrbios no comportamento ou sintomas de outras doenças graves, como por exemplo, depressão, ansiedade, hipertireoidismo, transtorno bipolar, entre outras.

Para Teixeira (2016), a hiperatividade infantil é um distúrbio que destrói o desenvolvimento da criança, capaz de acarretar sérios prejuízos de adaptação no presente ou no futuro da pessoa afetada. No entanto alguns estudos citados nos

trabalhos de Andrade (2010) e Sukienik (2010), afirmam que a hiperatividade na infância nada mais é do que a acumulação de energia nessas crianças.

O comportamento da criança hiperativa pode estar relacionado a uma perda parcial da audição ou visão, a um problema de comunicação (incapacidade de processar satisfatoriamente as ideias que aparecem ou símbolos gráficos), distúrbios do sono, convulsões ou estresse emocional. Também pode estar relacionada com certos tipos de paralisia cerebral, intoxicação por chumbo, uso de drogas ou álcool durante a gravidez da mãe da criança afetada, reação a determinados alimentos ou medicamentos, como também por complicações no parto (privação de oxigênio ou traumas durante o nascimento). Esses problemas devem ser rejeitados como causadores do comportamento hiperativo antes de tratar-se a criança.

Segundo Goldstein (2008, p. 27),

O verdadeiro comportamento hiperativo interfere na vida familiar, escolar e social da criança. As crianças hiperativas têm dificuldade em prestar atenção e aprender. Como são incapazes de filtrar estímulos, são facilmente distraídas. Essas crianças podem falar muito, alto demais e em momentos inoportunos.

As crianças hiperativas vivem sempre em movimento, estão sempre fazendo alguma coisa, sendo incapazes de ficarem quietas, como lembra Vicari (2014, p. 34): “[...] são impulsivas, não param para olhar ou ouvir; devido à sua energia, curiosidade e necessidade de explorar são propensas a se machucar e a quebrar ou danificar objetos”. Araújo (2018, p. 01) completa: “Essas crianças tendem também a serem muito agarradas às pessoas, mas seu humor flutua rapidamente, por isso discutem com os pais, professores, adultos e amigos”. Assim, é importante para os pais e professores perceberem que as crianças hiperativas entendem muito bem as regras, instruções e normas sociais; o problema é que elas têm dificuldades para obedecê-las e/ou cumpri-las.

Sobre este aspecto, encontramos em Teixeira (2016, p. 34):

Para a criança hiperativa e sua família, uma ida a um parque de diversão ou supermercado pode ser desastrosa. Há simplesmente muita coisa acontecendo - muito estímulo ao mesmo tempo. Devido à sua incapacidade de concentrar-se e ao constante bombardeamento de estímulos, a criança hiperativa pode ficar estressada.

Mesmo tendo esses problemas na aprendizagem, a criança hiperativa geralmente é muito inteligente e tem consciência de que alguns comportamentos não são aceitos pela comunidade que o cerca. Porém, apesar da vontade de agradar sendo educado e comportando-se bem, a criança hiperativa não consegue conter-se. Isso faz com essa criança geralmente seja frustrada, envergonhada e desanimada, pois ela sabe que é inteligente, mas só não consegue “se desacelerar” a ponto de empregar todo seu potencial mental necessário para levar uma tarefa até o final. Como lembra Vicari (2014, p. 35): “A criança hiperativa muitas vezes se sente isolada e segregada dos colegas, mas não entende por que é tão diferente, ficando perturbada com suas próprias incapacidades”. Deste modo, sem conseguir concluir as atividades normais de qualquer criança na escola, no parquinho ou na sua casa, a criança hiperativa pode vir a sofrer de estresse, ser uma criança triste ou possuir uma baixa autoestima.

Andrade (2010, p. 36) recomenda: “Um especialista em comportamento infantil pode ajudar a distinguir entre a criança normalmente ativa e enérgica e a criança realmente hiperativa”. Até mesmo as crianças menores podem correr, brincar e se agitar felizes durante horas sem demonstrar o menor cansaço. Deste modo, o referido autor (*ibidem*, p. 36) conclui: “Para garantir que a criança realmente hiperativa seja tratada adequadamente, e evitar o tratamento inadequado de uma criança normalmente ativa, a criança deve receber um diagnóstico preciso”.

Sobre este aspecto do assunto, encontramos no Portal do Instituto Paulistano do Déficit de Atenção – IPDA (2018, p. 01):

Durante a primeira ou a segunda consulta médica, a criança hiperativa pode se comportar de forma quieta e educada. Sabendo o que é esperado, pode se transformar em uma criança "modelo". Os pais devem estar preparados para descrever, de forma precisa e objetiva, o comportamento do seu filho em casa e nas atividades sociais. Se a criança está encontrando dificuldade na escola, os pais devem pedir ao professor que converse com o médico ou envie-lhe um relatório por escrito. Pode ser preciso várias consultas antes que o comportamento hiperativo se torne aparente. Um especialista em crianças, geralmente, pode realizar um diagnóstico preciso.

Assim, é importante lembrar que os pais de uma criança hiperativa merecem muito apoio, pois é preciso ter bastante paciência (e força) para amar e apoiar a criança afetada por este distúrbio em todos os desafios e decepções que surgem em consequência da doença. Os pais dessas crianças estão sempre preocupados e atentos, em constante tensão. Por isso, às vezes é comum que se sintam cansados, frustrados e abatidos. Portanto, é necessário que os pais da criança hiperativa não

cobrem muito de si mesmos, descansem quando puderem e aceitem ajuda para cuidar de seu filho.

Embora alguns pais de crianças “danadas” questionem os médicos sobre a hiperatividade, ela não é um problema comum. Segundo um artigo publicado no *British Journal of Psychiatry* (apud IPDA, 2018), apenas 3% das crianças são realmente diagnosticadas com a desordem do déficit de atenção.

Em suas pesquisas, Barkley (2012, p. 26) concluiu que “a hiperatividade é dez vezes mais comum nos meninos do que nas meninas”. Também é importante lembrar que a causa ou as causas exatas da hiperatividade até agora são desconhecidas pela ciência. A comunidade médica acredita que a desordem pode ser o resultado de desequilíbrio químico, fatores genéticos, lesão ou doença na hora do parto ou depois deste, defeito no cérebro ou sistema nervoso central, que resulta no mau funcionamento do mecanismo responsável pelo controle das aptidões de atenção e filtragem de estímulos do meio externo (IPDA, 2018).

Andrade (2010, p. 39) resume: “A definição mais completa do que seria hiperatividade é a atividade exagerada”. A hiperatividade só pode ser confirmada a partir de quando a criança começa sua vida escolar, isso por volta dos três (03) anos de idade. Alguns fatores de desenvolvimento no início da infância como, por exemplo, um bebê que apresenta dificuldades para se acalmar ou dormir, possa enquadrar essas crianças no grupo de risco de ser uma criança hiperativa, embora os especialistas não classifiquem uma criança como “hiperativa” antes dela ter no mínimo cinco anos de idade.

Atualmente, se tem discutido muito sobre a hiperatividade. Porém, o conhecimento que se tem sobre este transtorno é bastante limitado e existem muitas controvérsias com relação ao diagnóstico e ao tratamento. De um lado se tem a hiperatividade tratada como uma doença de causa biológica, e de outro lado tem-se a ideia de que sua origem se encontra na educação, na incompetência dos pais em colocar limites nos filhos.

## 2.2.A HIPERATIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

Frequentemente o TDAH compromete o rendimento escolar da pessoa afetada pelo fato de que um dos fatores indispensáveis para o aprendizado é a atenção e concentração naquilo que se está tentando assimilar, como lembra Souza (2018, p. 01): “É característica de o transtorno afetar a atenção, a pessoa com o transtorno não

sustenta a atenção durante um tempo prolongado, particularmente se a tarefa for enfadonha”. Sabe-se que essas dificuldades ficam piores quando se trata de atividades realizadas em grupo, já que essas exigem atenção especial para a manipulação da grande quantidade de informações que é processada durante toda a atividade.

De acordo com o IPDA (2018, p. 01),

As crianças com TDAH têm grandes dificuldades e enfrentam seus maiores problemas na escola, elas precisam aprender a lidar com regras, estruturas e limites em sua educação. São os professores que percebem quando o aluno apresenta problemas de atenção, aprendizagem, comportamentos, emocionais ou afetivos e sociais. A escola tem que esclarecer as causas dos problemas. Deve-se fazer uma avaliação e depois transmitida aos pais.

Portanto, pais professores e terapeutas precisam planejar juntos as estratégias e as intervenções que serão implantadas, como, por exemplo, adaptação do currículo escolar, mudança do ambiente, adaptação do tempo das atividades, acompanhamento da medicação, entre outros. A sala de aula do aluno portador de TDAH tem que ser um ambiente colorido, criativo, estimulante e ativo.

Outro aspecto interessante dessa questão, diz respeito às atividades para casa. De acordo com Araújo (2018), uma das grandes dificuldades enfrentadas pelo discente com TDAH e sua família é a realização da tarefa de casa, pois eles levam de 3 a 4 vezes mais tempo para fazer uma dessas atividades do que seus colegas de sala, da mesma faixa etária. Compreendendo que o objetivo dessas atividades é revisar e praticar os conteúdos assimilados durante a aula, os professores de alunos com TDAH passam pela mesma frustração dos pais.

Segundo Barkley (2012, p. 42), “as crianças com TDAH tem grandes dificuldades de ajustamento diante das demandas da escola”. Vários estudos mostram que um terço ou mais de todas as crianças portadoras de TDAH ficarão atrasadas na escola, pelo menos em uma série, durante sua formação escolar, e até 35% nunca completarão o Ensino Médio. As notas e os pontos acadêmicos obtidos sempre ficam abaixo da média obtida por seus colegas de sala.

O autor supracitado (*ibidem*, p. 42-3) completa:

Entre 40% a 50% dessas crianças acabarão por receber algum grau de serviços formais através de programas de educação especial,



como salas com recursos, e até 10% poderá passar todo o seu dia escolar nesses programas.

Para complicar essa situação, existe o fato de que a grande maioria das crianças com TDAH apresentam também sérios problemas de comportamento. Esse fato, de acordo com o Portal do IPDA (2018), ajuda a entender porque entre 15 e 25% desses discentes serão suspensos ou até mesmo expulsos da escola por conta de problemas na conduta.

Segundo Sukienik (2000, p. 28),

É de extrema importância que alunos com TDAH sejam motivados. Em nossa prática no dia a dia, orientando professores de crianças portadoras de TDAH, frequentemente encontramos crianças com dificuldades sérias em termos de relacionamento, comportamento e também de aprendizagem, conseguem uma melhora significativa quando mudam de professor.

É desse quadro então que surgem as grandes dificuldades: Professores, diretores e toda uma equipe de apoio sem os conhecimentos necessários sobre o TDAH, salas cheias de alunos com TDAH, com os docentes sem saber o que fazer e nem como agir com eles, professores desmotivados para lecionar, mal remunerados, salas de aulas lotadas, turmas e mais turmas de alunos “especiais”, que não conseguem nem sequer alfabetizar-se, entre outros.

Não se deve concordar com a atitude sugerida por alguns estudos, como citados nos trabalhos de Andrade (2010), Barkley (2012) e Maciel (2018), de criar salas de aulas diferenciadas para os alunos que possuem TDAH, pois estes discentes não devem ficar em turmas distintas, eles não possuem problemas cognitivos, muito pelo contrário, aprendem muito bem quando tratados de forma adequada por uma equipe interdisciplinar, como afirma Teixeira (2016, p. 48): “Temos que aprender a lidar com estas crianças, conhecer suas limitações, respeitá-la e com criatividade descobrir como ela aprende melhor”.

Assim, caberá ao pedagogo observar se o educando está prestando atenção aos detalhes ou se comete erros por descuido durante a execução das tarefas escolares, trabalhos ou outras atividades que requeiram atenção; se demonstra dificuldades em manter a atenção nas tarefas ou brincadeiras; se talvez não escute direito quando lhe chamam pelo nome; se não segue determinadas regras até o fim ou não conclui a execução das tarefas escolares, deveres domésticos ou demais atribuições, desde

que essas atitudes não sejam por causa de algum comportamento rebelde ou incapacidade mesmo de compreender as instruções; se tem problemas ao organizar tarefas e atividades; se evita ou reluta em se inteirar em tarefas que necessitem de esforço mental contínuo; se perde coisas importantes para a execução das atividades e tarefas, tais como: brinquedos, materiais de desenho, livros, lápis ou ferramentas e se fica distraído com facilidade por estímulos externos (ANDRADE, 2010).

Para encerrar esta parte deste estudo, é importante lembrar que a família e a escola trabalhando juntas com o portador de TDAH, ajudando no seu tratamento e socialização, podem amenizar os problemas e as consequências trazidas por essa síndrome, proporcionando ao portador uma vida mais tranquila.

### 2.3.A HIPERATIVIDADE E A ATUAÇÃO PEDAGÓGICA E PSICOPEDAGÓGICA

Para que se consiga trabalhar de modo adequado com alunos diagnosticados com TDAH, é preciso a intervenção de muitos profissionais, entre os quais podemos destacar o psicopedagogo. Como se sabe, a Psicopedagogia é um campo interdisciplinar onde o psicopedagogo contribui para que o comportamento que dificulta o desenvolvimento infantil se coloque em segundo plano, permitindo que a criança possa conviver melhor com o problema. De acordo com Brito (2016, p. 01),

O profissional da Psicopedagogia pode realizar um trabalho de orientação e acompanhamento para os familiares e para o educador, apresentando possibilidades na produção do direcionamento das estratégias e condutas pedagógicas que facilitem o ajustamento e a integração do aluno com TDAH.

Assim, na Pedagogia, o acompanhamento tem como principal meta a abordagem do processo de aprendizado, como e de que maneira se desenvolve a relação da pessoa com o aprender, tanto nos aspectos cognitivos, quanto nos emocionais e até mesmo nos psicossociais. Se no decorrer desse processo algumas dificuldades forem identificadas, a Pedagogia estuda suas origens, os prováveis distúrbios, as aptidões e as limitações dessa pessoa e emprega a intervenção psicopedagógicas, que pode se apresentar de duas formas: Preventiva e Terapêutica. Dessa forma, é importante ressaltar que o papel do pedagogo é essencial na avaliação e intervenção com o aluno que possui TDAH, como destacam Correia e Linhares (2014, p. 42):

O pedagogo deve considerar a realidade objetiva e a subjetiva que rodeiam o entorno da criança durante o seu processo de aprendizagem, além de observar o conhecimento com toda sua complexidade, em que as dimensões cognitiva, afetiva e social se complementam.

Portanto, o seu objetivo principal deve ser o de possibilitar as condições para que o processo de ensino-aprendizagem realmente aconteça, pois este é um profissional que consegue perceber problemas pedagógicos que se encontrem prejudicando a qualidade do aprendizado e prestar orientação aos professores no que se refere ao modo adequado para que o aluno aprenda. Uma avaliação pedagógica bem realizada pode assegurar que os pais e professores tenham a orientação adequada para resolver ou amenizar o problema.

### 2.3.1. Intervenção com os Professores

Tanto em casa quanto na escola, conviver com uma criança diagnosticada com TDAH não é uma tarefa das mais fáceis. É fundamental bastante conhecimento e diálogo entre a família e a instituição escolar, pois, na maioria das vezes, a criança que apresenta esse transtorno possui uma baixa autoestima e precisa de muita atenção. De acordo com Rhode e Benczik (2009), a atuação do pedagogo é fundamental na escola, pois ela envolve todo o ambiente educacional e possui um caráter preventivo. É principalmente através da avaliação pedagógica que os pais adquirem uma orientação correta da escola e, desse modo, pode buscar a ajuda de um profissional que fará a intervenção necessária o quanto antes.

Sobre esta questão, os autores supracitados (*ibidem*, p. 50) destacam:

Para a criança que apresenta lacunas em algumas disciplinas, em razão do TDAH, é aconselhável o reforço do conteúdo. Em outros momentos, é o acompanhamento pedagógico centrado na forma do aprendizado que pode contribuir para seu maior desenvolvimento; é necessário reorganizar melhor o tempo e o planejamento das atividades da criança. Para o controle dos movimentos é indicado um tratamento reeducativo psicomotor.

Aqui, vale lembrar que é muito importante que o momento do aprendizado seja prazeroso, para tanto, o profissional da Pedagogia pode ajudar o educador a descobrir um modo eficiente de ensinar o aluno com TDAH. Mas, é essencial que este educador

sugira atividades curtas na sala de aula e as esclareça de maneira detalhada, para que a maioria das informações seja transmitida de modo individualizado.

Desse modo, o pedagogo possui como tarefa fundamental trabalhar junto com o docente para amenizar as dificuldades curriculares de alunos diagnosticados com TDAH. Portanto, ele pode ajudar a todos que integrem a instituição escolar para que acompanhem e colaborem com o desenvolvimento daquela criança, porque, na verdade, a escola deve ser uma solução na vida da criança, um verdadeiro ambiente de formação dos saberes.

### 2.3.2. Orientação para os Pais

De acordo com a pesquisa bibliográfica na qual este estudo foi baseado, os pais e familiares podem auxiliar a criança que foi diagnosticada com TDAH de muitas maneiras. Uma das metas da Pedagogia é possibilitar o apoio e informação aos familiares. Por se tratar de um problema bastante delicado e que gera muitas dúvidas, este profissional fornece todas as informações com clareza e quantas vezes for preciso. Destacando que apenas um profissional especializado no tema deve transmitir essas informações.

Segundo Andrade (2010, p. 48),

A criança com esse transtorno tem uma visão confusa do mundo social. Apresenta autoimagem negativa e necessita da ajuda dos membros da família na administração e na interação social. Uma família com relações saudáveis, onde cada um tem a oportunidade de expressar seus pensamentos livremente, contribui para que a criança se desenvolva melhor. Outros componentes que agregam auxílio nesse contexto é a psicoterapia individual e familiar, junto com mudanças no contexto familiar e escolar.

Assim, a família é inserida no processo diagnóstico e interventivo da Pedagogia com o intuito de que esta consiga ajudar a criança com suas dificuldades, que podem ser reflexo ou não da convivência doméstica, muitas vezes conturbada, tendo em vista que comportamento e rendimento escolar estão relacionados, em alguns casos, a conflitos familiares.

Concluindo esta parte do presente estudo, é importante destacar que aos pais é necessário conhecimento para que possam compreender e aceitar o transtorno e suas dificuldades; ao pedagogo é dada a responsabilidade de orientar os pais para que

estes possam auxiliar o filho e, dessa forma, desenvolver melhores táticas que possam contribuir para a elaboração e organização das tarefas do filho.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao término deste artigo pode-se constatar que alguns dos sintomas do TDAH, como, por exemplo, o pouco autocontrole e a falta de atenção, podem gerar dificuldades específicas durante o processo de ensino-aprendizagem pelo fato de colocarem o aluno portador desse transtorno em uma situação de “atraso” no que se refere à aquisição dos conteúdos teóricos, se o compararem com outros educandos da mesma sala de aula ou faixa etária.

Segundo as pesquisas bibliográficas que fundamentaram o desenvolvimento deste Estudo, o acompanhamento psicopedagógico do educando portador do TDAH é bastante importante, pois ajuda no trabalho do educador atuando diretamente na dificuldade de aprendizado demonstrada por este aluno. Desse modo, o trabalho psicopedagógico é complementar a defasagem, proporcionando um reforço metodológico na transmissão dos conteúdos e possibilitando outras maneiras de ação didática que favoreçam novas aprendizagens.

Como foi visto, o diagnóstico precoce realizado pelo psicopedagogo tem uma importância fundamental para a avaliação diagnóstica final do educando com TDAH. O discente que possui esse distúrbio demonstra dificuldades em conseguir manter-se atento de modo contínuo enquanto exerce uma atividade, mesmo que mostre certo interesse no que faz, este docente se distrai e direciona seu foco de interesse. Quando o aluno é hiperativo parece que nunca se cansa, mexendo-se com frequência e revelando uma impaciência fora do comum, mexendo em objetos, móveis ou movendo os pés. Pode-se observar ainda, neste discente, certa aflição ao falar, interrompe brincadeiras e conversas, e fala a maioria do tempo por muitas vezes em horas inoportunas.

Os problemas de organização, atenção e concentração, como também a hiperatividade e a impulsividade, afetam o rendimento escolar e, conseqüentemente, a autoestima do aluno. A realização de um diagnóstico precoce talvez consiga impedir o aparecimento dos sintomas que são relacionados com esta síndrome. O acompanhamento psicopedagógico visa possibilitar condições para que o aluno

prenda sua atenção e concentre-se durante as tarefas que realiza, bem como incentivar para que o mesmo se comporte e se organize.

Portanto, pode-se afirmar que a produção do presente artigo foi de grande relevância no que diz respeito à obtenção de maiores conhecimentos sobre o TDAH, especialmente no que se refere à intervenção pedagógica no combate a esta síndrome que se torna cada vez mais comum nas salas de aula.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. F. (org.) **Hiperatividade**: sucesso da aprendizagem segundo o pensamento de Nadia Bossa. Disponível em: <<http://www.orecado.org/page/3/?s=educadores>> Acesso: 23/jan/2018.

ANDRADE, E. R. **Indisciplinado ou hiperativo?** 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

BARKLEY, R. A. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH)**: guia completo para pais, professores e profissionais da Saúde. Porto Alegre: Artmed, 2012.

BRITO, F. F. **O Trabalho com crianças com TDA/TDAH**: uma intervenção psicopedagógica. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/6/FABIANA%20FRANCO%20DE%20BRITO.pdf>>. Acesso: 24/jan/2018.

CORREIA, A. P.; LINHARES, T. C. A atuação do psicopedagogo com crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): intervenção necessária para pais e educadores. In: **Paidéia**, Revista do Curso de Pediatria da Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde, Univ. Fumec, Belo Horizonte, ano 11, n. 17, jul./dez. 2014.

GOLDESTEIN, S. **Hiperatividade**: Como desenvolver a capacidade de atenção da criança. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2008.

INSTITUTO PAULISTANO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO - IPDA, Portal do. **Hiperatividade**: O que é ser hiperativo? Como diagnosticar e tratar hiperatividade? Disponível em: <<http://www.dda-deficitdeatencao.com.br/hiperatividade/index.html>> Acesso: 21/jan/2018.

MACIEL, Z. **O Que é hiperatividade infantil?** Disponível em: <<http://portalcatalao.com.br/portal/noticias/zilda-maciel-o-que-e-hiperatividade-infantil>> Acesso: 23/jan/2018.

RHODE, L. A. P.; BENCZIK, E. B. P. **Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade**: O que é? Como ajudar? Porto Alegre: Artes Médicas, 2009.

SOUZA, M. T. R. **Sala virtual:** hiperatividade infantil – TDAH. Disponível em:  
<<http://www.mariateresapsi.com.br/artigos-de-psicologia/hiperatividade-infantil-tdah>>  
Acesso: 24/jan/2018.

SUKIENIK, P. B. (coord.). **O Aluno problema:** transtornos emocionais de crianças e adolescentes. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2010.

TEIXEIRA, G. **Transtornos comportamentais na infância e adolescência.** 4. ed. Rio de Janeiro: Rubia, 2016.

VICARI, M. I. **Melhorando a atenção e controlando a agitação.** Rio de Janeiro: A&B, 2014.